

## **Apresentação: sobre a decolonização do pacto LGBTQIAfóbico nos museus e na Museologia do Brasil**

Tony Boita\*, Jean Baptista\*\*

Qual o lugar da memória, história e patrimônio das pessoas LGBTQIA+ nos museus nacionais e no pensamento museológico brasileiro?

Até pouco mais de dez anos, a resposta a essa questão seria apenas uma: lugar nenhum.

Contudo a última década foi profícua no que diz respeito ao desenvolvimento de uma epistemologia própria, pautada em demandas, práticas, linguagens e expressões oriundas de comunidades compostas por pessoas sexualmente dissidentes da matriz cis e heterossexual vigente. A partir do projeto Memória LGBTQIA+, em conjunto com a criação da Rede LGBTQIA+ de Memória e Museologia Social, da *Revista Memórias LGBT+*, do Grupo de Trabalho no Seminário Brasileiro de Museologia e do Seminário Museus, Memória e Museologia LGBTQIA+, outra resposta passou a ser produzida sobre tal lugar de nossas comunidades nos museus e na Museologia: o da pressão intelectual.

Além dos avanços no campo da pesquisa, a solidificarem aspectos teóricos e metodológicos, assistimos, em pouco mais de dez anos, ao surgimento de diversas instituições que fazem da Museologia LGBTQIA+ sua missão. Em destaque, o Museu Transgênero de História da Arte e o Ponto de Memória Aquenda as Indacas, dois exemplos que retratam o avanço de uma museologia comunitária LGBTQIA+ propriamente brasileira.

De fato, mediante os avanços propostos pela Museologia LGBTQIA+, tornou-se desconfortável, para não dizer vergonhoso, a manutenção do pacto LGBTQIAfóbico vigente nos museus e na Museologia brasileira. Chamamos de pacto LGBTQIAfóbico este comportamento que acompanha os heterossexuais desde a infância em países como o Brasil, o de fazerem-se mudos perante a discriminação e violência a que somos submetidos diariamente, quando não são esses próprios os agentes ativos de tais violências. Tal pacto se vê quando um museu omite, apaga, silencia, escamoteia ou se apropria de nossas memórias, histórias e

---

\* Doutor em Comunicação e docente do Departamento de Museologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Email: jeantb@hotmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-6013-4073>.

\*\* Doutor em História Ibero-Americana e docente do bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e do Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT). Email: tonyboita@hotmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-3780-2157>.

patrimônios, bem como quando se produz, teoriza, problematiza ou pretensamente se decoloniza o pensamento museológico sem se considerar a questão LGBTQIA+. Desse modo, o pacto LGBTQIAfóbico é um dos modos que os heterossexuais encontram para nos sobrepujar, assegurando que somente suas memórias e histórias sejam referência digna de salvaguarda.

Exemplos do pacto LGBTQIAfóbico não faltam. Os dez anos da Rede LGBTQIA+ de Memória e Museologia Social têm servido também para coletar centenas de casos que ocorrem diariamente no campo museológico brasileiro. Nas salas de aula dos cursos de Museologia, pessoas LGBTQIA+ são discriminadas pelos mais diversos perfis de docentes e discentes; nos concursos para docentes, seleções de pós-graduação e de bolsas, pareceres de revistas científicas, entre outras formas de triagem próprias da academia e fundamentais para o desenvolvimento profissional e intelectual, os heterossexuais não hesitam em barrar pessoas LGBTQIA+; em estudos, pesquisas, artigos, eventos acadêmicos e simpósios temáticos não há qualquer pudor em excluir deliberadamente os corpos e as epistemologias LGBTQIA+ (vide bibliografias e debates constituídos unicamente por pessoas cisgêneras e heterossexuais); em exposições, nossas ancestralidades e o presente são apagados, excluídos ou (re)postos em armários. Evidente, algum gay ou lésbica branco eventualmente consegue furar a bolha da heterossexualidade, mas se assim o faz é por também ser membro de outro pacto, o da branquitude, que, como bem indica Cida Bento,<sup>1</sup> é uma operação que assegura o branco como única e permanente referência.

Os museus e a Museologia brasileira estão aprisionados em algum lugar entre o pacto LGBTQIAfóbico e o pacto da branquitude. Para nós, pessoas LGBTQIA+, interseccionadas por cor, classe, raça e etnia, oriundos, portanto, de grupos populares periféricos, os resultados de tal pacto são cruéis e repercutem em nossa vida em todas as esferas. Tais pactos adoecem, violentam, matam, nos ocupam horas e energia que bem poderia ser empregada em outras atividades mais saudáveis do que enfrentar gente preconceituosa. Nesse sentido, os museus e a Museologia que aderem a tais pactos são cúmplices das altas taxas de violência que se abatem sobre a população LGBTQIA+ interseccionada.

Hoje nosso lugar é este, o de dizer que tais museus e museologias são inimigas da vida, uma vergonha para o país e para o campo, e que precisam ser extintas. É preciso denunciar o

---

<sup>1</sup> BENTO, Maria Aparecida Silva. *Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público*. Tese de doutorado em Psicologia. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade, 2002.

que naturaliza a discriminação como fenômeno dado ou natural, evidenciando que são, em verdade, escolhas políticas, estratégias para formalizar a exclusão por meio de práticas, discursos, baremas ou missões construídas em contextos fóbicos à diversidade de gênero e sexual.

O presente dossiê é um convite para se expor o que tem sido feito de excludente nos museus e na Museologia brasileira, mas, antes disso, propõe-se a demonstrar que se foi o tempo em que não havia pensamento LGBTQIA+ no campo. Dito de outro modo, pretende demonstrar que é possível decolonizar os museus e a Museologia a partir de uma perspectiva *queer* interseccional.

Vale apontar que a proposta deste dossiê nasceu da combinação de dois desejos: um primeiro manifestado em encontro promovido pelo Museu Histórico Nacional com profissionais de museus reunidos em uma escuta no ano de 2022; o segundo, a estratégia de integrantes de Rede LGBTQIA+ de Memória e Museologia Social em propor dossiês temáticos às principais revistas de Museologia do universo lusófono, como ocorrido já com os dossiês *Corpos e Dissidências*, no *Cadernos de Sociomuseologia*, e *Museologia LGBTQ+*, publicado pela revista *Museologia e Interdisciplinaridade*.

Neste sentido, este dossiê é aberto por um primeiro artigo em formato de relatório, publicado para subsidiar sua chamada e de caráter introdutório ao debate sobre nosso lugar nos museus nacionais. Trata-se de uma pesquisa realizada por integrantes do Grupo de Pesquisa *Museologia e Sexualidade* (MusaSex, CNPq). Nele, apresentamos a matriz vigente no que diz respeito a sexualidade, gênero, raça/cor/etnia e classe nos museus pertencentes ao Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), compreendendo-os como parte importante dos museus nacionais e geradores de políticas públicas. A conclusão do artigo pode não ser das mais reveladoras, imageticamente expressa em um gráfico, mas era preciso quantificar tais unidades museológicas para compreender que tipo de memória, história e patrimônio está sendo valorado e financiado por fundos públicos – e que recado se está dando quando se privilegiam determinados grupos em detrimento de outros.

Desejamos, com isso, que este dossiê sirva para os avanços da Museologia LGBTQIA+ no país, de modo que possamos, em conjunto, dar mais um passo para desnortear, quiçá destruir, o pacto LGBTQIAfóbico vigente nos museus nacionais e no pensamento museológico brasileiro.